

## Diversão &amp; Arte

UM  
PODCAST  
PARA

R

i

t

a

RITA LEE —  
DISCOGRAFIA  
COMENTADAPodcast com 33  
episódios produzido  
por Beto Feitosa,  
disponível em [https://  
linktr.ee/ritalee](https://linktr.ee/ritalee)

» IRLAM ROCHA LIMA

É absolutamente precoce o interesse do niteroiense Beto Feitosa pela obra de Rita Lee. Ele tinha apenas três anos de idade quando começou a ouvir as músicas da eterna rainha do rock brasileiro no disco de 1979, que ficou conhecido como *Mania de você* — título de uma das faixas. A partir dali, começou a acompanhar a trajetória da cantora e compositora paulistana.

O jornalista, que em 1996 lançou a revista *Ziriguidum*, fincou bandeira na internet e criou o RadioAtivo, projeto com um programa on-line e o primeiro site sobre música brasileira na rede, para o qual já entrevistou Paulinho Moska, Zélia Duncan, Leila Pinheiro e, claro, Rita Lee, entre outros.

Fã de carteirinha da “ídola”, Feitosa, há pouco mais de um ano, idealizou o projeto que deu origem ao podcast *Rita Lee — Discografia Comentada*, com 33 episódios, que trazem histórias e comentários sobre todos os álbuns da cantora —, disponível no endereço <https://linktr.ee/ritalee>. Para Feitosa, a discografia de Rita Lee, rica e diversa, faz um panorama do crescimento do pop rock brasileiro ao longo de quatro décadas.

No entendimento do criador do podcast, Rita é personagem fundamental da música popular brasileira desde a Tropicália e se manteve relevante durante os 44 anos, desde 1968, quando lançou o primeiro álbum, numa época em que ainda integrava os Mutantes, até 2012, ano de lançamento de *Reza*, o disco mais recente.

Para desenvolver o projeto, Feitosa contou com a colaboração da cantora, compositora e produtora Crikka Amorim, que fez a gravação, a edição e a coprodução do material. Crikka lançou três discos e teve a primeira música tocada no rádio — uma demo apresentada por Rita Lee —, em seu programa Rádio Amador, que foi ao ar em 1986, na Rádio Cidade. Entre os trabalhos da produtora, está o álbum *Pirataria — Rita Lee* por Crikka Amorim, lançado em 2007.

O podcast traz depoimentos de produtores de discos de Rita Lee, como Guto Graça Mello, Max Pierre, Moogie Canazio, e de músicos que gravaram com ela, entre os quais Lee Marcucci, Lucia Turbull, Ricardo Feghali, Cláudio Infante, João Barone, André Christóvam e o brasileiro Milton Guedes. Há, ainda, histórias contadas por Caetano Veloso, Marina Lima, Paula Toller, Angela Ro Ro e Fernanda Takay.

Entrevista //  
Beto FeitosaQuando surgiu seu  
interesse pela  
música de

Rita Lee?

É uma coisa que nunca vou conseguir explicar. Com três anos, tinha uma vitrolinha com os tradicionais discos de história, que não dava muita bola. Pedi para minha mãe o disco da Rita Lee. Ganhei e ele passou a girar 24 horas por dia lá em casa. É o disco de 1979 que tem, entre outras, *Chega mais*, *Mania de você* e *Papai me empresta o carro*. Uma criança de três anos cantando “Meu único defeito é não ter medo de fazer o que gosto” não poderia dar em nada além de um adulto com amor pela liberdade. Desde então, o presente de todo ano era um disco de Rita Lee. Na adolescência, comecei a entender melhor, ler livros, procurar

A RAINHA DO  
ROCK BRASILEIRO É  
TEMA DE PODCAST  
LANÇADO POR BETO  
FEITOSA E DEDICADO A  
DISCUTIR E CONTAR  
HISTÓRIAS SOBRE  
A OBRA E A VIDA DE  
RITA LEE

informações. Isso estamos falando de tempos pré-internet. Fui criado e educado com essa ideia de liberdade e rebeldia da Rita. Muito do que sou devo a ela.

O que o levou a se debruçar  
sobre o legado da cantora e  
compositora paulistana?

Um amor sem explicação mesmo. Quanto mais eu conhecia, mais achava aquela mulher genial, ousada, transgressora. Eu adorava isso. Adorava aquela imagem de mulher contestadora, que enfrenta padrões e não vê muros na frente, questiona regras da sociedade. Quando eu crescer quero ser assim! Rita Lee é um tipo de pessoa que transforma o mundo. Esse fascínio me acompanha a vida inteira. Família, amigos, professores, todos sempre souberam. E foi engraçado quando as pessoas começaram a ler a biografia dela, como iam descobrindo, se tocando do tamanho dela e vinham conversar comigo.

Qual a sua avaliação sobre o conjunto  
da obra de Rita?

É uma obra sem igual, talvez no mundo. Isso fica claro pra mim nos 33 episódios do podcast. A Rita é uma artista que esteve em cena durante 50 anos sempre se mantendo relevante, atenta e criativa. A obra dela — especialmente a parceria com Roberto de Carvalho — nunca esteve perto de encontrar um limite, ficar repetitiva, se acomodar. O último disco dela começa com uma reza e termina com um solo instrumental de theremin. Imagina isso para uma artista pop do tamanho de Rita Lee? Só ela pode fazer isso. Com Os Mutantes, foi a Tropicália, e assim como Gil e Caetano, eles eram peças fundamentais no movimento. A liberdade, a criatividade, as brincadeiras deles. Impossível imaginar a Tropicália sem Os Mutantes. Com o *Tutti Frutti*, é a busca pela linguagem do rock brasileiro. *O Fruto proibido*, de 1975, é pedra fundamental para um rock realmente brasileiro, com letras geniais, ideias aproveitadas — mas não meramente copiadas — dos ingleses e americanos. Tem Stones, tem Bowie, tem Beatles, mas tudo com a cara dela. E depois, com a parceria com Roberto, Rita encontrou esse céu para voar. Sem limites, sem rótulos. Eles dois juntos têm uma química artística única. Os dois muito criativos: ela pelo lado das letras, dos temas, das melodias; ele trazendo uma sofisticação do pianista que conhece música erudita e bossa nova. Ali foi uma explosão. E volto a apostar — uma das melhores duplas do mundo, uma história incrível. Fico imaginando se Rita tivesse composto essa obra em inglês — e ela poderia ter feito isso.

Que fase da trajetória dela lhe  
chamou mais atenção?

Difícil falar isso porque são muitas histórias atravessadas, complementares. Mas eu aposto que a fase com Roberto, e isso ficou claro pra mim quando estava produzindo os programas. Com ele, ela traz toda a bagagem de Mutantes, de *Tutti Frutti*, das influências familiares, do que ouviu na infância. E tudo é permitido, tudo é aceito, tudo é testado. Eles criaram uma identidade muito forte, uma digital que você reconhece fácil. E estão aí dezenas de hits inesquecíveis — além de lados B que as pessoas ainda precisam conhecer. Os dois juntos uniram o rock e o carnaval. Você ouviu *Chega mais*, *Lança perfume*, *Banho de espuma*, aquilo não existia antes deles e não voltou a acontecer depois. É deles, é legítimo e genial. Hoje em dia a gente vê

as artistas do pop brasileiro tentando estudar, se adequar, chegar numa fórmula para lançar a carreira no exterior. Com eles foi ao contrário. A mistura de ritmos num caldeirão pop foi o que levou *Lança perfume* para fazer sucesso em diversos países. Tem um valor enorme isso.

No teatro,  
Mel Lisboa foi  
elogiada pela  
caracterização  
como Rita Lee